

JORNAL  
TRIBUNA  
de Macau

澳門論壇日報

Um jornal com memória



Chegamos  
a todo o Mundo  
através de

<http://jtm.com.mo>

[www.facebook.com/tribunademacau1982](https://www.facebook.com/tribunademacau1982)



CHEONG  
KIN MAN\*

Jacques Brel (1929-1978) era o incontornável cantor das canções francesas, mas de origem belga, ou melhor, um flamengo francófono. Era filho de um burguês ou, nas suas próprias palavras, "filho do [s]eu pai".

Cantava extensamente Paris e Amsterdão, muito a Flandres e os flamengos e, com ternura, também um pouco a China e os chineses. Como fã, conheço todas as suas canções e entrevistas disponíveis no YouTube. Estou, claro, consciente que se trata de uma pequena parte do seu grande espólio, como a biografia elaborada por Olivier Todd e as últimas publicações da *Fondation Jacques Brel* demonstram.

Tanto quanto compreendo, no mundo de Brel, a "China" e os "chineses" não eram muito mais do que palavras a dar um toque de exotismo e fantasia do longínquo, e sobretudo, para soar lindamente. Para exemplificar, cito duas passagens das letras de Brel:

*"Mon enfance" (1967)*

*"Mon enfance passa  
Les femmes aux cuisines  
Où je rêvais de Chine  
Viellissaient en repas"*

*"L'Ostendaise" (1968)*

*"À la cuisine  
Quelques voisins  
Parlent de Chine"*

Mas, o tema de hoje é a Macau que Brel cantava. Como mencionámos no artigo "Algumas canções europeias adaptadas em cantonense", publicado no *Jornal Tribuna de Macau* em 9 de Março, Brel tinha um canção "Jacky" ou "La Chanson de Jacky" (1965), na qual se ouve:

*"Même si un jour à Macao  
Je deviens gouverneur de tripot  
Cerclé de femmes languissantes"*

Infelizmente, na versão americana hoje mundialmente conhecida desta canção (de 1966) a referência à Macau de Brel foi substituída por um "social whirl":

*"Locked up inside my opium den  
Surrounded by some Chinamen  
I'd sing the song that I sang then  
About the time they called me 'Jackie'"*

O músico escocês Momus rescreveu assim na sua versão, em Maio de 1986:

*"The in my Hong Kong orchid den  
Waiting for 1999  
I'd spend the years of my decline"*

Sinceramente, não sou fã das adaptações além das canções francesas. Porém, fico contente por ver que o cantor berlinense Klaus Hoffmann foi fiel na sua versão em alemão e trouxe o nome de Macau ao público alemão, em 1997, a Macau original de Brel.

*"La Macao du grand Jacques"*

# A Macau de Jacques Brel



Das muitas entrevistas de Brel que conheço, fiquei com a ideia que Brel somente mencionou Hong Kong num documentário do realizador belga Marc Lobet com o jornalista Henry Lemaire, de 1971. Embora também essas referências à então colónia britânica sejam hoje conhecidas, tenho também a impressão que "Hong Kong" só foi referido para mencionar um algures longe:

*"Ce qui a de plus dur pour un homme qui  
habiterait Vilvoorde et qui veut aller vivre à  
Hong Kong, c'est pas d'aller à Hong Kong, c'est  
de quitter Vilvoorde."*

Acresce que se sabe muito bem que a grande paixão de Brel não estava no Extremo-Oriente. Por isso, o verdadeiro "tripot" nos versos de Brel é mais muito provável ser algo como o Casino de Knokke na Bélgica, em vez do antigo "Casino de Macau" no Porto Interior.

Julgo que a imagem francesa de Macau como "inferno de casinos" era tão presente que mesmo Brel, sem paixão pelo Oriente, aproveitou essa referência no acima citado verso da canção. A origem dessa Macau talvez seja o filme "Macao, l'enfer du jeu" (1942) realizado por Jean Delannoy com base no romance homónimo de Maurice Dekobra. Para os respectivos mercados, durante a Guerra, o título português foi "Labaredas" e o brasileiro "Macau-Inferno do Jogo".

Essas obras influenciaram e ainda influenciam os francófonos do mundo ao associar Macau a um "inferno do jogo". A juntar a tudo isto, em alemão existe também um

termo pejorativo para casino: "inferno do jogo"/"Spielhölle". Que azar!

## Uma Macau multicultural

Em respeito do assunto que estamos a desenvolver, refira-se que, o antigo director da Cinemateca Portuguesa, Luís de Pina, escreveu assim no seu artigo "Macau: em busca do retrato perdido" na *Revista de Cultura*, em 1995:

*"[...] esta versão do romance de Maurice  
Dekobra não era muito lisonjeira para Macau,  
chamando-lhe 'inferno do jogo' e mostrando  
o território como um lugar onde se encon-  
tram todos os vícios e todos os traficantes da  
terra." Esta citação basta para compreender  
a visão redutora de uma Macau fantasiada  
no romance em causa e no respectivo filme.*

Vamos, entretanto, concentrar-nos no tema da Macau de Jacques Brel, ou seja, a representação fantástica de uma Macau no mundo de língua francesa.

Desde criança sou fascinado pelo multilinguismo ou mesmo "multidialectalismo" proporcionado pelo contexto de Macau, cuja história cosmopolita tem despertado o meu interesse e que vou aprofundando pelos locais em que vou vivendo. Assim, fui visionar a versão de "Macao, l'enfer du jeu" em DVD, distribuída em 2005 pela sociedade francesa "Studiocanal".

Depois dos meus estudos portugueses há uma década, para diversificar os meus conhecimentos linguísticos e filosóficos, fui aprendendo francês nas *Alliances Françaises*. Nessa altura, ainda sem saber o francês, chamou-me à atenção que, no filme, a perso-

na realidade não existia nessa altura), mas na realidade é também patrão do inventado casino "Eldorado" e o "maior traficante das armas em todo o sul da China", durante a invasão japonesa.

Grande estrela e lenda viva no seu tempo, Brel estava naturalmente rodeado por mulheres, como a magnífica fotografia do jornalista holandês Ben van Meerendonk pode testemunhar (ver imagem). Mas como assim o "gouverneur de tripot" fica "cerclé de femmes languissantes"?

No filme "Macao, l'enfer du jeu", o "Commercial Bank" e o casino "Eldorado" estão secretamente ligados. Ying Tchai, publicamente uma personagem simpática, quando chega ao seu banco (e antes de entrar na passagem secreta para o casino), fez uma doação aos pobres entregando um cheque a um padre vestido com uma alva preta do tempo do Renascimento. Isso ilustra como adorei ver a equipa de produção ter fantasiado uma Macau que lhes era completamente desconhecida.

Ao entrar no casino "Eldorado", Ying Tchai revela o seu outro lado como um grande vilão a apreciar e comentar as muitas mulheres europeias; aí o "governador de casino" está literalmente "cercado de mulheres lânguidas".

## Ainda não há versão com legendas

Para escrever este artigo, vi o filme várias vezes, mais de uma década depois da minha primeira visualização.

Desta vez foi muito mais divertido, pois já falo a língua e domino os respectivos contextos históricos e culturais. Pude, com agradável surpresa, adquirir aqui em Berlim a versão em DVD distribuída, em 2018, pela produtora Gaumont. Vejo isso como sinal de que esse filme de sucesso dos anos 40 tem ainda alguma procura e peso cultural no Velho Continente.

Depois de uma rápida pesquisa no Google, não consegui verificar se e quando o filme terá sido estreado em Macau, nem me parece que tenha a devida distribuição em DVD ou BluRay na Região, embora o filme tivesse sido selecionado numa retrospectiva sobre Macau na Cinemateca Portuguesa em 1991. Por isso, novamente aproveito este espaço de opinião para apelar à nossa Cinemateca macaense e aos nossos Festivais de Cinema para disponibilizarem uma versão com legendas em chinês-mandarim, inglês e português.

No acima mencionado artigo de Luís de Pina na *Revista de Cultura*, o antigo dirigente da Cinemateca Portuguesa escreve ainda: "De facto, uma Macau tão negativa, não poderia ser passado aos nossos brandos espectadores sem uma operação geral de cosmética..."

Passadas já mais de três décadas da publicação do artigo de Luís de Pina, têm surgido vários estudos e artigos em várias línguas, como contribuições para a compreensão desta imagem de Macau como um "inferno de jogo" no mundo francófono. Penso que o público macaense, hoje melhor conhecedor da representação de Macau no cinema estrangeiro, já está preparado para uma visualização (mais) crítica.

Produzido em plena guerra durante a ocupação alemã de França, a versão original do filme com Erich von Stroheim, de origem judaica, foi censurada e as respectivas cenas substituídas por Pierre Renoir. Ambas as versões, original e censurada, merecem igualmente uma apresentação crítica ao público e uma distribuição em DVD e BluRay com legendas, para que essa Macau de Brel possa finalmente "voltar" à sua origem.

## Uma obsessão francesa desde 1938

Percebo a preocupação de Luís de Pina na altura; vejo também um estereótipo que o romance e sobretudo o filme trouxeram ao mundo francófono e que não sai das cabeças de muitos franceses já há mais de oito décadas. Compreendo que ficou fixado no vocabulário da língua francesa e no imaginário francófono, mas parece algo injusto guardar uma impressão dos anos 30 para continuar a referir a actualidade de uma Macau tão diferente. Tenho, entretanto e como habitualmente, uma atitude de observador; pelo que aqui não formulo juízos.

Para além de "La Chanson de Jacky" que saiu em 1965, o grupo francês "Le Grand Orchestre du Splendid", fundada em Paris em 1977, fez a sua música "Macao" em 1979, com um videoclipe que apenas fortaleceu aquele estereótipo. Neste videoclipe, que faz parte da cultura pop francesa, vêem-se mafiosos a jogar às cartas, cortesãs a fumar e um "chinês", de tipo caricatural, com traje completo e estilo de cabelo do Império Manchú.

No seguinte refrão desta canção, ouvem-se as vozes de vários cantores e também desse "chinês" com um sotaque de fazer rir:

*"MACAO MACAO  
Six plombs du mat  
ça sent le sang écarlate"*

A Macau filmada por Jean Delannoy em Nice e em Paris ficou, ao longo das décadas após a sua estreia, firmemente fixada nos francófonos. Quando as reportagens em língua francesa falam sobre Macau, quer os antigos relatos sobre os reflexos da Revolução Cultural na China, quer as apresentações mais recentes sobre o 20º aniversário da RAEM, o termo "enfer du jeu" parece ter-se tornado sinónimo de Macau em língua francesa.

Mas, como em tudo, há excepções. Uma reportagem televisiva, "Macao sans enfer ni jeu", datada de 1958, dos jornalistas franceses Michel Droit e Jean-Jacques Rebuffat, constitui justamente uma tal excepção: Droit, num tom bastante crítico, relata o seguinte em frente da câmara, que aqui cito e traduzo:

*"Quando pronunciarmos o nome de Macau,  
surge ao espírito quase imediatamente um  
certo número de associações ditadas: 'Macau,  
o inferno do jogo', 'Macau, o paraíso da droga',  
'Macau, o mau lugar número um de todo o  
Extremo-Oriente'. Pois é preciso dizer que a  
literatura e o cinema, e mesmo, de maneira  
ainda mais precisa, a má literatura e o mau  
cinema desconhecem Macau. Na realidade,  
creio que, quem vá para Macau com estas  
ideias na cabeça, irá muito rapidamente ficar  
extremamente surpreendido, exactamente  
como assim estivemos nós próprios, porque,  
para nada de nós esconder, estas ideias, tam-  
bém tivemos."*

Obviamente, essa não constitui a única excepção. É, no entanto, esta a impressão que me fica com base nas muitas referências que vou vendo no audiovisual francófono. Provavelmente, pessoas falantes de outras línguas terão a mesma ideia de Macau, mas os francófonos cristalizaram-se nessa expressão com uma carga tão negativa por causa do romance e do filme. Também existe uma produção internacional "Hell to Macao" ("Die Hölle von Macao"), de 1967, com a protagonista alemã Elke Sommer. Todavia, esse título não criou uma marca pejorativa de Macau nessa língua germânica.

*\*\*Natural de Macau onde foi intérprete-tradutor até 2013 vivendo desde então na maior parte do tempo na Europa (Alemanha e Bélgica). Autor do filme experimental "uma ficção inútil" com sucesso internacional. Actual doutorando em antropologia visual e média em Berlim.*